

## CONSTRUINDO PONTES: UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR SOBRE A GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA LITERATURA DE EDUARDO GALEANO

Alex Cristiano de Souza<sup>1</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5073-2053>

<sup>1</sup> Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil (IG-UFU)\*

*Artigo recebido em 31/03/2023 e aceito em 17/09/2023*

*Publicado: Out/2023*

### RESUMO

As abordagens sobre Geografia, Ensino de Geografia e Literatura são crescentes nos últimos tempos, em especial, nos últimos 15 anos, na produção acadêmica brasileira. Buscando somar esforços neste campo, apresentamos uma possibilidade de relação entre o Ensino de Geografia e a Literatura. Aqui, partimos de uma análise sobre a globalização estabelecendo um diálogo entre as formas de expressão do conhecimento relacionadas ao acadêmico-científico, por um lado e, por outro, a literária, nos apropriando do que João Zanetic denomina de autores de literatura com veia científica e cientistas com um sabor literário, promovendo um encontro entre Eduardo Galeano e geógrafos que pensaram a globalização. Neste momento apresentamos uma possibilidade de articulação da Literatura no Ensino de Geografia, que parte do geral, de concepções mais genéricas sobre o processo de globalização, daqueles fenômenos universalizantes, que devem ser problematizados na educação escolar a partir da prática social.

**Palavras-chave:** mediação; pensamento único; trabalho; natureza; movimento contraditório.

\* Professor Adjunto no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IG-UFU) na área de Ensino de Geografia. Graduado em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), mestre e doutor em Geografia pela UFU. E-mail: alexcristianodesouza@gmail.com

## **BUILDING BRIDGES: AN INTERDISCIPLINARY READING ON GLOBALIZATION IN GEOGRAPHY EDUCATION THROUGH THE LITERATURE OF EDUARDO**

### **ABSTRACT**

Approaches to Geography, Geography Education, and Literature have been increasing in recent times, especially in the last 15 years, in Brazilian academic production. Seeking to add efforts in this field, we present a possibility of a relationship between Geography Education and Literature. Here, we start from an analysis of globalization establishing a dialogue between forms of expression of knowledge related to academic-scientific, on the one hand, and literary, on the other hand, appropriating what João Zanetic calls authors of literature with a scientific vein and scientists with a literary flavor, promoting an encounter between Eduardo Galeano and geographers who have thought about globalization. At this moment, we present a possibility of articulation of Literature in Geography Education, which starts from the general, from more generic conceptions about the process of globalization, of those universalizing phenomena, which must be problematized in school education from social practice.

**Keywords:** mediation; single thought; work; nature; contradictory movement.

## **CONSTRUYENDO PUENTES: UNA LECTURA INTERDISCIPLINARIA SOBRE LA GLOBALIZACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA A TRAVÉS DE LA LITERATURA DE EDUARDO GALEANO**

### **RESUMEN**

Las aproximaciones sobre geografía, enseñanza de geografía y literatura han aumentado en los últimos tiempos, especialmente en los últimos 15 años, en la producción académica brasileña. Buscando sumar esfuerzos en este campo, presentamos una posibilidad de relación entre la enseñanza de geografía y la literatura. Aquí, partimos de un análisis sobre la globalización estableciendo un diálogo entre las formas de expresión del conocimiento relacionadas con lo académico-científico, por un lado, y por otro, la literatura, apropiándonos de lo que João Zanetic denomina autores de literatura con vena científica y científicos con sabor literario, promoviendo un encuentro entre Eduardo Galeano y geógrafos que pensaron la globalización. En este momento presentamos una posibilidad de articulación de la literatura en la enseñanza de geografía, que parte de lo general, de concepciones más genéricas sobre el proceso de globalización, de aquellos fenómenos universalizantes, que deben ser problematizados en la educación escolar a partir de la práctica social.

**Palabras clave:** mediación; pensamiento único; trabajo; naturaleza; movimiento contradictorio.

## **INTRODUÇÃO**

Apresentamos neste artigo uma abordagem estabelecendo uma relação dialógica entre a literatura de Eduardo Galeano que permeia discussões sobre a globalização, com posições acadêmicas que partem do campo das ciências humanas, em especial, da Geografia, de geógrafos que discutem o tema. Consideramos que este movimento busca uma unidade entre Arte e Ciência, Literatura e Geografia, nossa análise se justifica não apenas pelo emprego da literatura no âmbito da educação escolar, mas, pela mediação da Literatura no Ensino de Geografia.

Se por um lado a ampliação do contato dos alunos com obras literárias permite uma maior relação com este tipo de produção artística, contribuindo com o processo de humanização do gênero humano a partir da apropriação da produção artística e cultural, por outro, esta relação possibilita a apropriação do uso da literatura em diferentes situações educativas, para além das aulas de Língua Portuguesa, Literatura ou Redação, conteúdos disciplinares clássicos para o trabalho com produções literárias.

Como ponto de partida para elaboração de nossa análise, consideramos as contribuições de João Zanetic (1996; 1998; 2006) pelas reflexões desenvolvidas em torno da relação entre Literatura e Ciência, na prática docente no Ensino de Física, demonstrando possibilidades de textos literários serem usados nesta disciplina e de textos científicos de sua área serem apresentados como textos literários, pelas formas de exposição do conhecimento, possibilitando aos alunos um enriquecimento cultural mediante a ampliação de suas visões de mundo.

Aproveitamo-nos dos trabalhos de Zanetic como fundamento para aprofundar um diálogo teórico, literário e acadêmico, de fundo interdisciplinar, que se mostra plausível entre a produção artística de Eduardo Galeano relacionando com geógrafos, como Milton Santos e Carlos Walter Porto-Gonçalves, que refletem sobre a globalização. Encontramos nesses autores pensamentos convergentes para a análise do tema, momentos de encontro entre as ideias e as escritas, em que as formas de exposição não se apresentem como antagônicas, como uma cisão entre uma linguagem literária, de um lado e, de outro, uma científica.

Apresentamos uma aproximação entre as escritas e as ideias desses autores e de outros que estabelecem pontes que contribuem na produção do conhecimento sobre o processo de globalização no Ensino de Geografia. Nota-se que os autores aqui mobilizados, a partir de percursos distintos (por métodos diferentes, pela arte literária e pela ciência, respectivamente) interpretam a realidade, o

mundo concreto, com suas lentes e com suas preocupações, produz suas análises e se encontram em um ponto de chegada comum.

## **LEITURA LITERÁRIA E LEITURA CIENTÍFICA EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES ENTRE EDUARDO GALEANO E A GEOGRAFIA SOBRE A GLOBALIZAÇÃO**

Nossa análise sobre a relação entre Literatura e Ciência pela obra de Eduardo Galeano em diálogo com a Geografia, parte dos conhecimentos referentes à globalização. A seleção deste conteúdo reflete uma parte da análise dos temas abordados pelo autor e que possibilita uma leitura que vai do geral para o particular e também do particular ao geral, considerando a totalidade vivida. Aqui realizamos uma leitura pela mediação do geral, nos apropriando do que Zanetic (2006, p. 43) chama de autores de literatura com “veia científica” e cientistas com “um sabor literário”. O autor comenta como procede à seleção das obras para o seu emprego no ensino:

Que literatura utilizar em aulas de ciência? Brevemente, diria que tenho em mente não apenas os grandes escritores da literatura universal que em suas obras utilizam conceitos e métodos das ciências, e da física em particular, os escritores com veia científica, como também várias obras escritas por cientistas com forte sabor literário, os cientistas com veia literária. (ZANETIC, 2006, p. 43).

Abordamos a globalização como um processo concreto, ou seja, como um fenômeno histórico, social, cultural, político, econômico que incide em todas as esferas da vida. As reflexões partem de uma leitura de mundo que o apreende desde uma perspectiva de totalidade, buscando nas contradições, no movimento das relações dialéticas, apreendê-los para além de sua aparência, para além do que é propagado pelos meios hegemônicos de comunicação, que constitui um discurso representante do pensamento único, centrado no indivíduo, de ideologia neoliberal. Santos (2006, p. 19) considera que essa é uma forma que representa a globalização como nos fazem ver, ou seja, como fábula, como se as notícias tivessem como finalidade informar as pessoas de uma grande aldeia global, numa situação em que se anuncia que todos se beneficiam da compressão do tempo e do encurtamento das distâncias de forma igualitárias, nas palavras do autor: “É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance mão.”

Esta é a representação de uma faceta da globalização empregada como expressão que busca escamotear a realidade por uma abordagem idealista, apresentando uma coisa que está disponível, que é possível e que até pode acontecer, mas que não se realiza, que não pode ser experimentada à maior parcela da humanidade. De igual forma são os limites impostos às fronteiras e os limites socioeconômicos que se impõe sobre a compressão espaço-temporal. Esses são alguns elementos,

que se estendem à infinidade de possibilidades factíveis de serem realizadas em nosso tempo, porém, realizáveis apenas à um reduzido conjunto de pessoas. O resultado desse processo é a produção de uma imagem falseada da realidade por não incluir no discurso os elementos da realidade concreta (SANTOS, 2006).

É negado à maior parcela da população mundial a realização de movimentos/deslocamentos voluntários como lazer e turismo pelo mundo, em seu continente ou mesmo entre as diferentes regiões de seu próprio país devido as barreiras financeiras, a disponibilidade de tempo, o acesso às estruturas (fluxos e fixos) como condição para concretizar essas ações. Diante disso, para além desse imaginário que é produzido socialmente, Galeano (2020, p. 180), em *Lições contra os vícios inúteis*, identifica que a predominância na circulação pelo espaço mundial tem mais relação com os fatores econômicos, possibilitados pelos avanços da ciência, da tecnologia e da comunicação, que permitem uma compressão espaço-temporal.

A caça aos braços já não requer exércitos, como ocorria nos tempos coloniais. Disso se encarrega, sozinha, a miséria da maior parte do planeta. É a morte da geografia: os capitais atravessam as fronteiras na velocidade da luz, por obra e graça das novas tecnologias da comunicação e do transporte, que fizeram desaparecer o tempo e as distâncias. E quando uma economia se resfria nalgum lugar do planeta, outras economias espirram na outra ponta do mundo. (GALEANO, 2020, p. 180)

Ao sustentar esse tipo de abordagem, buscando uma análise pela perspectiva da totalidade, os autores (SANTOS, 2006; GALEANO, 2020) concebem o mundo tal como ele é, ou seja, em aproximação com a complexidade das ações. Isso quer dizer que seus olhares não são obnubilados por uma ou outra categoria, por um ou outro recorte, sendo importante desvelar o período atual como a etapa mais desenvolvida do modo de produção capitalista. Assim, superam as fronteiras das leituras que se restringem ao econômico, ou ao social, ou ao ambiental, ou ao urbano, ou à tecnologia, etc., ainda que por vezes, como forma de compreender a particularidade, o foco sobre o fenômeno pode se ajustar mais ou menos ao geral, ou ao particular, de acordo com o objetivo de análise em cada situação.

Porto-Gonçalves (2006) e Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006) compreendem a globalização como um processo de longa duração, que tem início na construção do sistema-mundo moderno-colonial. Para os autores, o processo de colonização, protagonizado por nações europeias em ascensão técnica, científica, política e econômica abre um novo flanco de conexões, ampliando as relações daquele período (virada do século XV para XVI) para o continente americano, constituídas por meio da exploração econômica, sobremaneira pela escravidão, pelo genocídio indígena e pelo saque dos recursos naturais.

Galeano (2013), no prefácio de *As Veias Abertas da América Latina* escrito em 2010 apresenta uma perspectiva similar àquela apresentada por Porto-Gonçalves (2006), ao colocar em tela questões da geopolítica, da inserção da América Latina na formação do sistema-mundo, que é moderno, ao passo que mantém traços de colonialidade no que tange aos processos de exploração econômica centrada na exploração e no comércio de *commodities*.

Segundo a voz de quem manda, os países do sul do mundo devem acreditar na liberdade de comércio (embora não exista), em honrar a dívida (embora seja desonrosa), em atrair investimentos (embora sejam indignos) e em entrar no mundo (embora pela porta de serviço). Entrar no mundo: o mundo é o mercado. O mercado mundial, onde se compram países. Nada de novo. A América Latina nasceu para obedecê-lo, quando o mercado mundial ainda não se chamava assim, e aos trancos e barrancos continuamos atados ao dever de obediência. Essa triste rotina dos séculos começou com o ouro e a prata, e seguiu com o açúcar, o tabaco, o guano, o salitre, o cobre, o estanho, a borracha, o cacau, a banana, o café, o petróleo... O que nos legaram esses esplendores? Nem herança nem bonança. Jardins transformados em desertos, campos abandonados, montanhas esburacadas, águas estagnadas, longas caravanas de infelizes condenados à morte precoce e palácios vazios onde deambulam os fantasmas. Agora é a vez da soja transgênica, dos falsos bosques da celulose e do novo cardápio dos automóveis, que já não comem apenas petróleo ou gás, mas também milho e cana-de-açúcar de imensas plantações. Dar de comer aos carros é mais importante do que dar de comer às pessoas. E outra vez voltam as glórias efêmeras, que ao som de suas trombetas nos anunciam grandes desgraças. (GALEANO, 2013, p. 5-6)

A elaboração de Galeano (2013) consegue, a seu modo e com sua linguagem, abordar o tema por meio de uma síntese reflexiva que mescla elementos da história, constituintes do processo de colonização e também de questões atuais, presentes como problemas no contexto da América Latina. Ambos os momentos apresentam em comum as ações de atividade econômica sobre a natureza, por um lado e, por outro, os vínculos com o mercado internacional e os seus resultados tácitos para os países e para o continente, imprimindo marcas na formação econômico-social, como na experiência brasileira de modernização conservadora, assinalado por Coutinho (2011).

Em *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*, Galeano (2020) aborda diferentes aspectos referentes a globalização, concentrando esforços em identificar as contradições, os falseamentos propagados pelo pensamento único, representado por um discurso oficial empastado pelos governos nacionais, em sintonia com o capital internacional. Essa questão é tratada por diferentes abordagens, diversificando os focos de análises, mas sempre ativo no combate do discurso hegemônico da globalização neoliberal. Sobre isso, elabora o autor:

Inundações, imundações: torrentes de imundícies inundam o mundo e o ar que o mundo respira. Também inundam o mundo cataratas de palavras, informes de peritos, discursos, declarações de governos, solenes acordos internacionais, que ninguém cumpre, e outras expressões da preocupação oficial com a ecologia. A linguagem do poder concede impunidade à sociedade de consumo, àqueles que a impõem como modelo universal em nome do desenvolvimento e também às grandes empresas que, em nome da liberdade, adoecem o planeta e depois lhe vendem remédios e consolos. Os expertos do meio ambiente, que se

reproduzem como coelhos, envolvem a ecologia no papel celofane da ambiguidade. A saúde do mundo está um bagaço e a linguagem oficial generaliza para absolver: *Somos todos responsáveis*, mentem os tecnocratas e repetem os políticos, querendo dizer que, se todos somos responsáveis, ninguém o é. A discursão oficial exorta ao *sacrifício de todos* e o que ela quer dizer é que se fodam os de sempre. (GALEANO, 2020, p. 221-222 – itálicos do autor).

O discurso hegemônico constitui como elemento central para consolidação da globalização tal como ela se realiza. Esses discursos não representam apenas orações vazias, idealistas e contraditórias, mas, recheadas de sentido e intencionalidade, combina as ações que materializam os direcionamentos de quem as emprega. A vocação ideológica dos enunciadores é que marca a tônica e articula a teoria desse discurso com a prática social, numa amálgama que seduz e desresponsabiliza a todos por seus efeitos provocados ao sabor dos poucos que usufruem.

Esta construção é perversa por incluir, entre outras coisas, uma produção coletiva de um imaginário social colonizado pelos propulsores de tais ideias que atuam em função de dissuadir as responsabilidades pelas ações relacionadas à dialética produção, circulação e consumo global. Este imaginário é produzido e reproduzido na prática social pela conjunção das forças das ideias dominantes e pela força das ações, havendo momentos em que um é mais predominante que outro. Segundo a análise de Santos (2009, p. 36)

O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal “crise” fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e não qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para mais aprofundamento da crise real – econômica, social, política, moral – que caracteriza o nosso tempo.

Assim, o pensamento único no período atual vai se consolidando como uma verdade absoluta, instalando uma naturalização do estado das coisas, como se imutáveis fossem. A noção de crise, tal como elas se apresentam no capitalismo tardio, sobremaneira como vivenciamos nos países ao sul, ou nos países chamados em desenvolvimento, não é a mesma crise que toca nos países centrais do sistema capitalista, aqueles países que ocupam posições mais estratégicas de poder na geopolítica global, ainda que com impactos severos em perda de empregos, por exemplo. É certo que uma crise econômica de larga escala, como a de 2008, tem efeitos globais, mas são sentidos de distintas formas pelos diferentes países e, no interior de cada país, as diferentes regiões são atingidas cada uma a sua maneira, assim como não é isonômico o impacto entre as diferentes classes sociais. A classe trabalhadora é diretamente confrangida, com perdas de emprego, rebaixamento da qualidade de vida, com o aumento da pobreza e da miséria, enquanto aos proprietários, a burguesia, enfrentam, quando

muito, uma redução de seus ganhos<sup>1</sup>, além de serem amparados pelos Estados Nacionais para mitigar impactos indesejados.

A reprodução ampliada da pobreza se constitui em uma constante no processo de globalização, ainda que o pensamento hegemônico, ou a linguagem oficial, busque descartar ou escamotear a sua imagem como uma representação social. A pobreza é apresentada, tratada como exceção, como resultado inesperado, sendo individualizada pelo discurso meritocrático, que ignora os processos sociais para a compreensão do fato. A pobreza aparece na gramática oficial, mais como uma composição cênica relativa aos países não desenvolvidos, valorizando a criação de imagens da globalização não associadas com cidades globais, contribuindo com a produção de um imaginário que as refere como um fenômeno relacionado à porção sul do mundo, de países pobres ou em desenvolvimento. Esse imaginário é fruto de uma produção ideológica que busca ocultar a pobreza nos países centrais, como se fosse um fenômeno particular e exclusivo dos países não desenvolvidos, enquanto se trata de um problema estrutural do modo de produção capitalista.

O apanágio dessa situação é resultado do desenvolvimento desigual e combinado deste modo de produção, que à luz da dinâmica econômica global, orientada pela ampliação dos lucros, se distribui pelo planeta em busca da chamada maior competitividade, que inclui menores salários – e direitos – aos trabalhadores, renúncias fiscais, desregulamentações previdenciárias e ambientais. Esse conjunto de ações contribui para que a produção de mercadorias se desloque pelo mundo, ao encontro dessas “oportunidades” com vistas a ampliação dos lucros das empresas.

No ano de 2021 a multinacional automotiva Ford anunciou o fechamento de todas as suas unidades produtivas no Brasil, demitindo mais de 5.000 funcionários no país, mesmo considerando que, apenas no período que compreende os anos de 2000 e 2021, ela tenha recebido mais de 20 bilhões de reais em incentivos fiscais<sup>2</sup>. Apesar disso, empresa manterá sua produção na América Latina em

---

<sup>1</sup> O Brasil, em meio à crise pandêmica provocada pela Covid-19, que se somou à crise econômica e social, registrou uma ampliação da desigualdade de renda nas metrópoles do país. Houve aumento do Índice Gini no comparativo entre os segundos trimestres de 2019 e de 2020 em todas as metrópoles, com exceção de Maceió-AL, que passou de 0,663 no 2º trimestre de 2019 para 0,656 no 2º trimestre de 2020. Essas e outras informações sobre o aumento da desigualdade no Brasil no período da pandemia estão disponíveis em: SPERB, Paula. **Ricos ficam mais ricos em quase metade das regiões metropolitanas do Brasil durante pandemia**. Folha de S. Paulo, 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/mais-pobres-nas-metropoles-perdem-32-da-renda-na-pandemia-e-ricos-3-diz-estudo.shtml?origin=folha>. Acesso em: 15 jan. 2021. Já em reportagem no site G1 da Globo, os dados da ONG OXFAM revelam que no Brasil “o patrimônio dos 42 bilionários do Brasil passou de US\$ 123,1 bilhões para US\$ 157,1 bilhões”. G1. **Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2021.

<sup>2</sup> Ao todo, o setor automobilístico recebeu 69 bilhões em incentivos fiscais no Brasil, no mesmo período. Disponível em: CARAM, Bernardo. **Incentivos da União a montadoras somam R\$ 69 bilhões de 2000 a 2021**. Folha de S. Paulo,

países que apresentam melhores condições de lucratividade, como Argentina e México. Ou seja, seu movimento internacional é orientado pela busca por melhores posições para ampliar a sua competitividade e, por conseguinte, a sua rentabilidade, o seu lucro.

É nesse sentido que Santos (2009) considera a perversidade sistêmica do modo de produção capitalista. Junto a reflexão do autor, incorporamos notas de rodapé, atualizando os dados para a situação presente, como parte dos procedimentos metodológicos que consideramos pertinentes para o uso da Literatura no Ensino de Geografia na educação escolar. Assim, Santos (2009, p. 58-59) assinala que:

Seja qual for o ângulo pelo qual se examinem as situações características do período atual, a realidade pode ser vista como uma fábrica de perversidade. A fome deixa de ser um fato isolado ou ocasional e passa a ser um dado generalizado e permanente. Ela atinge 800 milhões de pessoas espalhadas por todos os continentes, sem exceção<sup>3</sup>. Quando os progressos da medicina e da informação deviam autorizar uma redução substancial dos problemas de saúde, sabemos que 14 milhões de pessoas morrem todos os dias, antes do quinto ano de vida. Dois bilhões de pessoas sobrevivem sem água potável<sup>4</sup>. Nunca antes na história houve um tão grande número de deslocamentos e refugiados<sup>5</sup>. O fenômeno dos sem-teto, curiosidade na primeira metade do século XX, hoje é um fato banal, presente em todas as grandes cidades do mundo. O desemprego é algo tornado comum<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo, ficou mais difícil do que antes atribuir educação de qualidade e, mesmo, acabar com o analfabetismo<sup>7</sup>.

---

2021. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/01/incentivos-da-uniao-a-montadoras-somam-r-69-bilhoes-de-2000-a-2021.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2021.

<sup>3</sup> Segundo publicado pela Unicef: “690 milhões de pessoas passaram fome em 2019 – um aumento de 10 milhões em relação a 2018 e de aproximadamente 60 milhões em cinco anos.” Disponível em: UNICEF. **À medida que mais pessoas não têm o suficiente para comer e a desnutrição persiste, acabar com a fome até 2030 é uma incerteza, alerta relatório da ONU**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/acabar-com-fome-ate-2030-e-incerteza-alerta-relatorio-onu>. Acesso em: 15 jan. 2021. Acesso em: 15 jan; 2021.

<sup>4</sup> Segundo a Unicef: “Cerca de 2,2 bilhões de pessoas em todo o mundo não têm serviços de água tratada [livre de contaminação e disponível], 4,2 bilhões de pessoas não têm serviços de saneamento adequado e 3 bilhões não possuem instalações básicas [existência de uma fonte de água potável protegida que leva menos de trinta minutos para coletar água] para a higienização das mãos.” UNICEF. **1 em cada 3 pessoas no mundo não tem acesso a água potável, dizem o UNICEF e a OMS**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/1-em-cada-3-pessoas-no-mundo-nao-tem-acesso-agua-potavel-dizem-unicef-oms> Acesso em: 15/ jan. 2021.

<sup>5</sup> Segundo dados da ACNUR/ONU/Brasil, 79,5 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar no mundo até o final de 2016, dos quais 26 milhões são refugiados. ACNUR – Agência da ONU para Refugiados. 79,5 milhões de pessoas forçadas a se deslocar no mundo até o final de 2019. 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/> acessado em 15 jan. 2021.

<sup>6</sup> O desemprego atingiu 14,1 milhões de brasileiros no 3º trimestre de 2020, segundo dados do IBGE. IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desemprego**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> . Acesso em: 15 jan. 2021.

No mundo, os dados projetados pela Organização Internacional do Trabalho apontavam para 190,5 milhões de desempregados para o ano de 2020. Disponível em: FRANCE-PRESSE. **Número de desempregados no mundo deve alcançar 190,5 milhões neste ano, diz OIT**. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/20/numero-de-desempregados-no-mundo-deve-alcancar-1905-milhoes-neste-ano-diz-oit.ghtml>. Acesso em 15 jan. 2021.

<sup>7</sup> “De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, havia 11,3 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais de idade.” Disponível em: COSTA, Gilberto. **Analfabetismo resiste no Brasil e no mundo do século 21**. Reporta Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-09/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo-21> acessado em 15/01/2021.

A pobreza também aumenta. No fim do século XX havia mais de 600 milhões de pobres do que em 1960; e 1,4 bilhão de pessoas ganham menos de um dólar por dia<sup>8</sup>. Tais números pode ser, na verdade ampliados porque, ainda aqui, os métodos quantitativos da estatística enganam: ser pobre não é apenas ganhar menos do que uma soma arbitrariamente fixada; ser pobre é praticar uma situação estrutural, como uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo. E essa condição se amplia para um número cada vez maior de pessoas. O fato, porém, é que a pobreza tanto quanto o desemprego agora são considerados algo “natural”, inerente a seu próprio processo. Junto ao desemprego e à pobreza absoluta, registre-se o empobrecimento relativo de camadas cada vez maiores graças à deterioração do valor do trabalho. (...) Vivemos num mundo de exclusões agravadas pela desproteção social, apanágio do modelo neoliberal, que é, também, criador de insegurança.

Pode-se considerar que, para além de todas as possibilidades anunciadas pelos agentes da globalização, pelas grandes empresas e pelos países centrais, algo que pode ser considerado natural, neste período histórico, é a produção de desigualdades em larga escala, decorrente do modo de produção capitalista. Esta relação é produzida organicamente desde sua concepção, fundada na propriedade privada e na divisão em classes sociais, entre os proprietários dos meios de produção e aqueles que apenas são proprietários de sua força de trabalho, ou seja, se trata de um problema estrutural, intrínseca à natureza deste modo de produção. A desigualdade é parte integrante deste sistema que se reproduz em virtude da ampliação dos lucros, que acontece mediante a extração da mais valia, pela maior exploração do trabalho humano. É dessa relação entre capital e trabalho, portanto, que se funda a realização da apropriação privada da riqueza social pelas classes dominantes. Esse processo é intensificado pelos avanços da ciência, da técnica e da tecnologia, apoderada privadamente pelos setores produtivos, e também pela financeirização da economia global que é capaz de reproduzir o capital via especulação.

É dessa relação antagônica, de confrontos, da contraditoriedade que se tem, dentre outras coisas, a produção do espaço, uma questão fundamental para a compreensão geográfica do processo de globalização. Esta produção, portanto, não acontece de forma harmônica e homogênea, mas segundo um amplo movimento em relação com a natureza, da transformação pelo trabalho humano, que se intensifica com o desenvolvimento das técnicas, ou dos sucessivos meios técnicos, conforme análise de Santos (2006).

Segundo Moreira (2011), é sobre essa produção que a sociedade se realiza, contraditoriamente se desenvolvendo e ampliando as suas relações marcadas no tempo e no espaço, segundo as possibilidades concretas em cada formação econômico-social. É neste sentido que, ao

---

<sup>8</sup> “O Banco Mundial divulgou nesta quarta-feira que, em 2020, a extrema pobreza global deverá aumentar pela primeira vez em mais de duas décadas. Extrema pobreza significa viver com menos de US\$ 1,90 por dia. Além disso, até 2021, a Covid-19 e a recessão global podem fazer com que até 150 milhões de pessoas caiam na pobreza extrema. Isso representa cerca de 1,4% da população mundial.” Disponível em: ONU NEWS. **Pobreza extrema aumenta pela primeira vez em 20 anos, diz Banco Mundial.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/10/1728962>. Acesso em 15 jan. 2021

mesmo tempo em que há uma produção em abundância de coisas, produtos, mercadorias, alimentos, artigos de natureza variadas, uma parcela significativa da população não os acessa de forma satisfatória em relação às suas necessidades. Em se tratando do espaço, a sua diferenciação pelo uso, pelos recursos neles instalados também implica em distribuições e apropriações desiguais, perceptíveis pela análise da paisagem, dos lugares, muitas vezes cristalizados pela predominância de uma classe em detrimento de outra.

Todavia, a experiência das possibilidades humanas, pela apropriação de suas criações não acontece da mesma forma para todos, entre as diferentes classes sociais. Galeano (2014) em relação a Declaração Universal dos Direitos Humanos, à luz do neoliberalismo dos anos 1990, considera que

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, diz o artigo 1. Que nasçam, vá lá, mas poucos minutos depois já se faz o reparte. O artigo 28 estabelece que “todos temos direito a uma justa ordem social e internacional”. As mesmas Nações Unidas nos informam, em suas estatísticas, que quanto mais progride o progresso, menos justo se torna. A partilha dos pães e dos peixes é muito mais injusta nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha do que em Bangladesh ou em Ruanda. E na ordem internacional, os numerozinhos das Nações Unidas também revelam que dez pessoas possuem mais riqueza do que toda a riqueza produzida por 54 países juntos. Dois terços da humanidade sobrevivem com menos de dois dólares diários, e a distância entre os que têm e os que precisam triplicou desde a assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem. (GALEANO, 2014, p. 71)

Essa desigualdade que salta aos olhos pela leitura retrospectiva sobre a década de 1990, segundo dados atualizados, ainda é sustentada em números absurdos, como aqueles que expressam a riqueza cada vez mais concentrada em poucas pessoas e grupos econômicos. Segundo a ONG OXFAM Brasil<sup>9</sup>, “O 1% mais rico do mundo detém mais que o dobro da riqueza de 6,9 bilhões de pessoas.” Enquanto isso, o Brasil atinge o segundo lugar entre os países com maior concentração de renda no mundo, numa situação em que “O 1% mais rico concentra 28,3% da renda total do país”<sup>10</sup>. À frente do Brasil, consta apenas o Catar (que é uma monarquia absolutista), em que o 1% mais rico corresponde a 29% de sua população.

Fatos como esses tem implicações diretas na produção do espaço, nas relações e nas práticas socioespaciais que reproduzem socialmente o domínio e a concentração da riqueza, da propriedade

---

<sup>9</sup> OXFAM BRASIL. **Tempo de cuidar** - O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Disponível em [https://rdstation-static.s3.amazonaws.com/cms/files/115321/1579272776200120\\_Tempo\\_de\\_Cuidar\\_PT-BR\\_sumario\\_executivo.pdf](https://rdstation-static.s3.amazonaws.com/cms/files/115321/1579272776200120_Tempo_de_Cuidar_PT-BR_sumario_executivo.pdf). Acesso em 16 jan; 2020.

<sup>10</sup> G1. **Brasil tem 2ª maior concentração de renda do mundo, diz relatório da ONU**. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-tem-segunda-maior-concentracao-de-renda-do-mundo-diz-relatorio-da-onu.ghtml>. Acesso em: 16 jan. 2020.

privada da terra e dos meios de produção, constituindo como fundamento para a reprodução do desenvolvimento desigual e contraditório. Segundo Santos (2009, p. 42):

Afirma-se, também, que a “morte do Estado” melhoraria a vida dos homens e a saúde das empresas, na medida em que permitiria a ampliação da liberdade de produzir, de consumir e de viver. Tal neoliberalismo seria o fundamento da democracia. Observando o funcionamento concreto da sociedade econômica e da sociedade civil, não é difícil constatar que são cada vez em menor número as empresas que se beneficiam desse desmaio do Estado, enquanto a desigualdade entre os indivíduos aumenta.

A dinâmica neoliberal é mantida, ainda, por bases consolidadas pela plataforma de financeirização econômica. Cada vez mais há maiores volumes financeiros envolvidos nas bolsas de valores, cuja especulação é um importante mote, além de haver uma tendência de separação entre a reprodução do capital e a atividade produtiva. É o fenômeno pelo qual, grosseiramente, o capital se reproduz por ele mesmo (em bolsas de valores, pela especulação financeira agenciadas pelo mercado futuro, etc.) sem a necessidade de uma mediação concreta de uma mercadoria, num contraditório afastamento entre o mundo das finanças e do capital industrial, agroindustrial e da sociedade (HARVEY, 2011).

Este movimento se sustenta por um ideário que busca se manter pela lógica da concorrência, na competitividade. A livre concorrência e o livre mercado são anunciados como razões de um mundo aberto à competição em que se digladiam trabalhadores, empresas e países. Tais liberdades, todavia, compõe o discurso meritocrático, centrada numa perspectiva individualista, escamoteando as questões estruturais do modo de produção capitalista.

Sobre o discurso que orbita em torno dessa questão, Galeano (2020, p. 37-39) considera que

Todos os antecedentes históricos ensinam que a liberdade de comércio e demais liberdades do dinheiro se parecem com a liberdade dos países como Jack, o Estripador se parecia com São Francisco de Assis. O mercado livre transformou nossos países em bazares repletos de bagulhos importados, que a maioria das pessoas pode olhar mas não pode tocar. Assim tem sido desde os tempos longínquos em que os comerciantes e latifundiários usurparam a independência, conquistada por nossos soldados descalços, e a colocaram à venda. Foram aniquiladas as oficinas artesanais que podiam ter gerado a indústria nacional, e os portos e as grandes cidades, que despovoam o interior, escolheram os delírios do consumo em lugar dos desafios da criação. Passaram-se os anos e em supermercados da Venezuela vi saquinhos de água da Escócia para acompanhar o uísque. Em cidades centro-americanas, onde até as pedras transpiram copiosamente, vi estolas de pele para as damas presunçosas. No Peru, enceradeiras elétricas alemãs para casas de chão batido que não dispunham de eletricidade. Outro caminho, o inverso, percorreram os países desenvolvidos. Eles nunca deixaram Herodes entrar em suas festinhas infantis de aniversário. O mercado livre é a única mercadoria que fabricam sem subsídios, mas tão só para fins de exportação. Eles a vendem, nós a compramos. Continua sendo muito generosa a ajuda que seus estados dão à produção agrícola nacional, que apesar de seus custos altíssimos pode ser despejada sobre nossos países a preços baratíssimos, condenando à ruína os pequenos produtores do sul do mundo. Cada produtor rural dos Estados Unidos recebe, em média, subsídios estatais cem vezes maiores do que a receita de um agricultor das Filipinas, segundo dados das Nações Unidas. Isso sem falar no feroz protecionismo das potências desenvolvidas na custódia do que mais lhes

importa: o monopólio das tecnologias de ponta, da biotecnologia e das indústrias do conhecimento e da comunicação, privilégios defendidos com unhas e dentes para que o norte permaneça sabendo e o sul permaneça copiando e que assim seja pelos séculos dos séculos.

O livre mercado, como ideologia dominante desse *mundo de pernas pro ar* (GALEANO, 2020), é mais uma construção discursiva produzida pelos países centrais a fim de manter a exploração e as relações de poder sobre os demais países do que uma mínima possibilidade de realização exitosa. O mercado é livre e o Estado é mínimo para que as empresas e os capitais se desloquem pelo mundo em busca de situações que melhor lhes favoreçam, transitando entre países que apresentem melhores condições para aumentar a lucratividade desses agentes. O conluio entre mercado e Estado se impõe com impactos na organização dos espaços e mantém vínculos com as soberanias nacionais (ou pela falta de soberania) na medida em que atividades produtivas vão sendo mobilizadas em países por uma pretensa maior facilidade de acesso no mercado mundial decorrente de alguma especialização produtiva. Nessa lógica, portanto, os países se tornam dependentes de um punhado de empresas, que tem suas plantas distribuídas pelo mundo, onde mais lucros financeiros possam ser assegurados.

A incorporação dessa ideia como política econômica implica no aceite tácito dos países do sul do mundo de uma relação de dependência de importações. Há casos de Estados, como o brasileiro, que conseguem, minimamente, equacionar sua economia, de alguma maneira e por algum período, mediante a exportação de produtos primários (produção agrícola e mineral), de acordo com análise de Sampaio Junior (2011), configurando numa reversão neocolonial. Salienta-se, nesse caso, que há uma tendência à desindustrialização nacional e um forte investimento, inclusive com aporte financeiro público, no setor primário, na produção de commodities com baixo valor agregado e suscetíveis às variações de preço e demanda do mercado mundial. Os resultados dessas ações ficam como marcas no território brasileiro e os seus impactos podem ser percebidos pelo trilho da expansão do agronegócio e da mineração sobre a natureza, sobre os territórios dos povos originários e das comunidades tradicionais, especialmente grave nos domínios do cerrado, no amazônico e no encontro entre esses dois. Dessa relação, além de conflitos locais, se impõe um novo regime alimentar, que deriva da intempestividade dos valores dos produtos que chegam ao consumidor final, mediados por uma política de preços referenciados nas bolsas de valores. A substituição da gordura animal pelo óleo de soja e a incorporação de alimentos ultraprocessados em detrimento dos alimentos in natura e orgânicos são exemplos dessa questão.

Apesar do brado uníssono por Estado mínimo, os Estados Nacionais mantêm atuação permanente, tanto em países centrais quanto nos países em desenvolvimento. Na crise internacional do capital de 2008, num exemplo claro de intervenção estatal, os Estados Unidos atuaram com suporte

financeiro, socorrendo bancos<sup>11</sup> e indústrias automobilísticas<sup>12</sup>. Ademais, se manteve o já tradicional protecionismo mineral (sobre aço, minérios de ferro) e agrícola aos produtores rurais, este último como um setor amplamente apoiado tanto nos EUA, quanto na União Europeia (UE). Em relação a UE, os países membros contam com a Política Agrícola Comum (PAC), que se constitui como um programa estruturado em três pilares: planejamento, desenvolvimento e subsídio. Livre mercado e Estado mínimo se apresentam como discurso quando as coisas vão bem para as classes detentoras do capital.

A inconsistência entre o discurso e a prática coloca em tela a contraditoriedade do sistema capitalista, cujo foco é a reprodução do capital, concretizado pelas grandes empresas. Embora o Estado esteja atuando em serviço e à defesa do capital, isso não significa que eternamente seguirá nesta posição, podendo ser assertivo no planejamento e na organização econômica, produtiva e social, considerando o homem em sua centralidade, mas não limitado a finalidade de salvar as empresas privadas e o dinheiro em sua forma pura. Sobre isso, Santos (2009, p. 125) elucida seu pensamento ao considerar que:

Quando aceitamos pensar a técnica em conjunto com a política e admitimos atribuir-lhe outro uso, ficamos convencidos de que é possível acreditar em uma outra globalização e em um outro mundo. O problema central é o de retomar o curso da história, isto é, recolocar o homem no seu lugar central.

Ainda sobre essa perspectiva o autor avança:

Uma outra globalização supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem. Sem dúvida, essa desejada mudança apenas ocorrerá no fim do processo, durante o qual reajustamentos sucessivos se imporão. Nas presentes circunstâncias, conforme já vimos, a centralidade é ocupada pelo dinheiro, em suas formas mais agressivas, um dinheiro em estado puro sustentado por uma informação ideológica, com a qual se encontra em simbiose. Daí a brutal distorção do sentido da vida em todas as suas dimensões incluindo o trabalho e o lazer, e alcançando a valoração íntima de cada pessoa e a própria constituição do espaço geográfico. Com a prevalência do dinheiro em estado puro como motor primeiro e último das ações, o homem acaba por ser considerado elemento residual. Dessa forma, o território, o Estado-nação e a solidariedade social também se tornam residuais. A primazia do homem supõe que ele estará colocado no centro das preocupações do mundo, como um dado filosófico e como uma inspiração para as ações. Dessa forma, estarão assegurados o império da compaixão nas relações interpessoais e o estímulo à solidariedade social, a ser exercida entre indivíduos, entre o indivíduo e a sociedade e vice-versa e entre a sociedade e o Estado, reduzindo as fraturas sociais, impondo uma nova ética, e, destarte, assentando bases sólidas para uma nova sociedade, uma nova economia, um novo espaço geográfico. O ponto de partida para pensar alternativas seria, então a prática da vida e a existência de todos. (SANTOS, 2009, p. 147-148).

<sup>11</sup> CAZIAN, Fernando. **EUA querem estender ajuda a bancos**. Folha de S. Paulo, 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1012200906.htm>. Acesso em 17 jan. 2021.

<sup>12</sup> FOLHA DE S. PAULO. **GM e Chrysler terão mais US\$ 5,5 bi do governo**. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2204200918.htm>. Acesso em: 17 jan. 2021.

Como ressaltado por Santos (2009), a centralidade da humanidade é mister para se conceber um processo de globalização cujo eixo norteador não seja a mobilização dos recursos, da energia convertida em benefício ao dinheiro em sua forma pura, em benefício de grandes empresas. Os avanços proporcionados pela ciência, pela técnica, pela comunicação ao sistema produtivo nos oportunizam, segundo esta posição, vislumbrar atender as necessidades humanas, de todos, antes da reprodução cada vez mais ampliada do capital. Para tanto, urge aliar a este sistema técnico um sistema filosófico ético, em que o Homem seja o cerne da questão e não o dinheiro, diferente do que acontece em tempos hodiernos. Na contemporaneidade, por exemplo, se produz mais alimentos do que o necessário para alimentar a população global, mas, ainda assim, a subnutrição e a fome se mantêm como um problema fundamental a ser enfrentado. Isso se dá por uma opção política, deliberada por um conjunto de países e de detentores do capital, em consonância com o modo de produção capitalista, em que o lucro, a ampliação da mais valia precede o bem-estar, a existência digna da humanidade.

Pensamos que a globalização, a partir desta abordagem pode ser tratada no Ensino de Geografia na educação básica (BRASIL, 2017) apresentando possibilidades de produzir novos conhecimentos nos alunos. Busca-se um ensino que possa torná-los capazes de identificar a contraditoriedade dos processos, compreendendo os limites estruturais. A análise geográfica contribui com uma leitura do mundo como ele é e também como uma proposição imaginativa de como ele pode vir a ser, ou seja, pelas possibilidades concretas que a humanidade tem à disposição para realizá-las, como esclarece Santos (2009), pensando na formação de um novo mundo possível e urgente de sua realização:

O mundo datado de hoje deve ser enxergado como o que na verdade ele nos traz, isto é, um conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições. O mundo definido pela literatura oficial do pensamento único é, somente, o conjunto de formas particulares de realização de apenas certo número dessas possibilidades. No entanto, um mundo verdadeiro se definirá a partir da lista completa de possibilidades presentes em certa data e que incluem não só o que já existe sobre a face da Terra, como também o que ainda não existe, mas é empiricamente factível. Tais possibilidades, ainda não realizadas, já estão presentes como tendência ou como promessa de realização. Por isso, situações como a que agora defrontamos parecem definitivas, mas não são verdades eternas. (SANTOS, 2009, p. 160).

É nesse sentido que encontramos na literatura de Eduardo Galeano elementos para situá-los nos momentos entre a problematização e a instrumentalização no percurso de ensino e de aprendizagem sobre o conteúdo da globalização, procurando superar *o sistema* como uma representação do estado das coisas no modo de produção capitalista, pela forma como ele nos é apresentado. Nesta perspectiva, o texto literário, quando apoiado na realidade, mas não limitado a ela,

traz contribuições que permitem vislumbrar outros horizontes, construir novas relações e imaginar que outro mundo possível.

O sistema/1

Os funcionários não funcionam. Os políticos falam mas não dizem. Os votantes votam mas não escolhem. Os meios de informação desinformam. Os centros de ensino ensinam a ignorar. Os juizes condenam as vítimas. Os militares estão em guerra contra seus compatriotas. Os policiais não combatem os crimes, porque estão ocupados cometendo-os.

As bancarrotas são socializadas, os lucros são privatizados.

O dinheiro é mais livre que as pessoas. As pessoas estão a serviço das coisas. (GALEANO, 2010, p. 129)

Diante desta leitura sobre a globalização que apresentamos, pelos diálogos estabelecidos entre Eduardo Galeano e autores da Geografia, consideramos profícua a articulação entre tais posições, pelo o campo da literatura e pela possibilidade de abordagem no Ensino de Geografia, aproximadas por uma compreensão da realidade que parte da análise concreta do mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há uma infinidade de leituras possíveis de serem realizadas a partir da obra literária de Eduardo Galeano, dada a diversidade de temas abordados ao longo de sua vida. Nesta ocasião buscamos construir uma leitura que estabelecesse pontes sobre a globalização, desde a elaboração deste autor, com acadêmicos da Geografia que refletem sobre o mesmo assunto. Nossa discussão busca contribuir com a ampliação das possibilidades de abordagens sobre a relação entre o Ensino de Geografia e a Literatura.

As leituras aqui propostas de Geografia e Literatura coadunam com uma perspectiva humanizadora, da qual o humano, em sua concretude, assume o centro das relações, invertendo a realidade alienada atual em que há uma maior liberdade às coisas e ao capital do que às pessoas e às ideias que podem contribuir para emancipação da humanidade. A educação escolar é um importante instrumento neste processo de humanização do gênero humano, que apenas poderá ser realizado em suas máximas potencialidades com a superação do modo de produção capitalista.

Neste sentido, consideramos que o diálogo entre as ideias expostas articula análises sobre a globalização, desde o campo da Literatura, pela obra de Eduardo Galeano até à perspectiva científica, pela compreensão da Geografia Crítica. Este percurso analítico não se encerra em si mesmo, devendo ser problematizado a partir das práticas socioespaciais dos sujeitos reais.

Como mencionado no início do texto, a concepção apresentada versa sobre os movimentos que partem do geral, mas que devem ser articulados com as dinâmicas do território. Para tanto, no

processo de ensino e de aprendizagem, é fundamental também que se parta das experiências do particular, do território em direção ao geral, com a mediação do trabalho docente na produção do conhecimento geográfico proporcionando mediações entre os processos dialéticos que envolvem a globalização.

## **AGRADECIMENTOS**

Este artigo é fruto de pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEO-IG-UGU) e contou com apoio financeiro, por três anos, de bolsa de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tal pesquisa foi orientada pela Professora Marlene Teresinha de Muno Colesanti.

## **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 03 fev. 2020.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- GALEANO, Eduardo. **Livro dos abraços**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GALEANO, Eduardo. **O Teatro do bem e do mal**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo-SP: Boitempo, 2011.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais. **INTERthesis** (Florianópolis), v. 1, n.1, 2004.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: Ensaios de uma história, epistemologia e ontologia do espaço. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2011.

SAMPAIO JUNIOR, Plínio de Arruda. Metástase da crise e aprofundamento da reversão neocolonial. **Crítica e sociedade**: revista de cultura política. V.1, n.3, dez. 2011.

SANTOS, Milton. **O Brasil**: Território e sociedade no século XXI. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 18ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

ZANETIC, João. Física e Literatura: uma possível integração no ensino. In: **V Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**, 1996, Águas de Lindóia. Atas do V Encontro de Pesquisa em Ensino de Física. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Física/UFMG/CECIMIG/FAE, 1996.

ZANETIC, João. Literatura e cultura científica. In. ALMEIDA, Maria José P. M.; SILVA, Henrique César da. **Linguagens, leituras e ensino da ciência**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

ZANETIC, João. Física e Arte: uma ponte entre duas culturas. **Pro-Posições**, v.17, n. 1(49) – Jan-Abr. 2006